A essência do mundo da técnica e as possíveis formas de realização do ser em Heidegger

Christianne Viana¹

Resumo: Heidegger parte de sua crítica à metafísica tradicional apontando o autovelamento e esquecimento do Ser, como caminhos que se revelam desde a filosofia ocidental grega até dias modernos. Em 1953, na ocasião da Conferência de Munique, Heidegger, expos sua filosofia demonstrando que a Técnica e a Ciência moderna seriam, portanto, figuras acabadas desta metafísica. Heidegger demonstrou que é o próprio ser, que se revela na época moderna, com simples presença. Através da leitura de Heidegger, refletimos como o ser humano é introduzido nesta relação técnico-maquinator, que ressoa como controle e domínio das coisas, objetivando uma máxima eficiência. Nestes termos, Heidegger demonstra que a função da técnica, não é nenhum saber, senão a organização de correções do âmbito explicativo. Segundo ele, a humanidade transformou-se em lugar técnico, no qual estamos inseridos e entevados. Desta forma, a possibilidade de real realização ficaria obsoleta e inautêntica, frente à razão calculadora que direciona ao esquecimento do Ser. Para tal reflexão, será utilizado a Pesquisa Exploratória da segunda fase de nosso autor, a qual as questões ético-políticas se apresentam com maior visibilidade. Nisto, espera-se a compreensão quanto ao lugar do ser-da-realização, também nos aspectos, pelo qual, esse sujeito se situa na sua relação enquanto ser social e político, e também enquanto indivíduo singular e seus possíveis desafios. Firmamos no argumento de que é imprescindível a atenção à questão, para não nos tornarmos escravizados por este modo-de-ser da técnica - onde a frieza se sobrepõe aos modos da empatia - distorcendo em muito a realidade do valor do ser. Heidegger demonstra, que é no dia-a-dia, que o ser humano se mostra “antes de tudo” e “na maioria das vezes”, em situações que envolvem o mundo-circundante (mais próximo ou familiar), o mundo-humano (da convivência com as demais presenças) e o mundo-próprio (relação do indivíduo consigo mesmo). Todavia, não nos compete desvalorizar o que a técnica benfeitoria a humanidade. Provocamos o modo-de-viver do ser da técnica, que dispõe o ser humano para a perda do sentido verdadeiro da palavra contiguidade, assim como, também, nega a existência da empatia. Tal negação redireciona o ser humano para um lugar de desumanização e de embrutecimento das relações, nesse contexto, nos apropriamos de uma reflexão *heideggeriana*: “Esquecer a mais importante característica de nossa existência tem custado ao homem um alto preço, o preço de um mundo dominado pela atitude tecnológica”.

Palavras-chave: Realização, Técnica, Modo-de-Ser, Heidegger, Fenomenologia.

1. A ESSÊNCIA DO MUNDO DA TÉCNICA

A crença na qual o papel do homem no seu contexto universal seria de dominador do ente, nasceu há mais de dois milênios, quando a civilização ocidental definiu a existência como lugar de realização, sob os princípios aristotélicos.

1 Mestranda em Filosofia pela FAJE.

Martin Heidegger (1889-1976), considerado por muitos pensadores controversos, em virtude de suas posições ético-políticas, atribuídas ao seu contato com o Regime Nazista, ainda que, ele próprio, e seus escritos posteriores contestem essas alegações sob suas afeições nazistas ou quaisquer tendências totalitárias.

Franco de Sá (2017), argumenta que a relação de Heidegger com a política é referida como uma espécie de “confrontação com o cotidiano da vida pública de uma sociedade moderna liberal, com seu individualismo e seu despojamento de laços comunitários”.

Sendo a Essência do Mundo da Técnica (*Gestill*) uma interpretação produtora de Heidegger, a qual o homem necessita *des-velar* o real como fundo de reserva no modo de compreender, porém, permanecendo condenado à vontade do cultivo do que é calculado em sua facticidade, essa essência, se revela como uma marca de uma longa tradição filosófica que se reduz numa espécie de unidimensionalidade de diferenças e revela o esquecimento do ser.

Heidegger, espera que o homem assuma sua tarefa de expor o sentido da finitude e a sua verdade de ser, pensando em que sentido pertence ao destino do homem como calculador da técnica e da ciência. Para isso, sugere a superação da metafísica. Superar, não significa ressentir-se ou revoltar-se, mas aprender realizar experiência da experiência. Para Heidegger, é somente articulando na experiência o pensamento, o destino e a verdade, que se pode evidenciar a possibilidade de uma essência do ser, para além da tradição. Para isso, o pensar como a verdade do ser insere-se na existência e revela a dimensão do destino histórico, ético e político do homem, onde é possível acontecer a verdade do ser.

Para Heidegger, a essência da técnica é contraditória, que se remonta a um desencobrimento da verdade, mas se, porém, olharmos para ela, perceberemos todo o mistério que se permite um percurso para se compreender essa essência. Logo, essência da técnica não é o mesmo que técnica, ou saber técnico. Técnica é uma forma de descobrimento. A essência da técnica é a verdade, o que se revela na composição, que não é nada maquinal ou instrumental, mas o que provoca ao homem o pensar o caminho do desencobrimento, do real do disponível a este pensar.

Neste percurso da essência da técnica, procuraremos des-cobrir as possíveis formas de realizações humanas, prescritas à luz do questionar.

2. POSSÍVEIS FORMAS DE REALIZAÇÃO DO SER À LUZ DE HEIDEGGER

2.1. O SER DA TÉCNICA

Na Grécia antiga, o conceito de realização engendrava *eudaimonia*, enquanto *telos*. Aristóteles (384-322 a.C), mencionou três modos de viver bem: *vida guiada pelo prazer*, *vida política* e *vida contemplativa*.

Heidegger, na contemporaneidade, desenvolve em sua ontologia fundamental um conceito mais global e obscuro da história em relação aos modos de vida do ser. Nestes aspectos, sua reflexão exige uma compreensão para além da metafísica tradicional compreendida ao longo da história.

Neste estilo próprio, Heidegger estabelece uma vasta e densa literatura continental, desafiando uma solidez metafísica de mais de 2000 anos. Este novo panorama é compreendido de forma mais clara, na chamada *Khere* (viravolta) de nosso autor, onde seu pensamento discorre de forma mais precisa, sobre os modos do ser.

No intuito de compreender melhor o trajeto que nosso autor percorre até desenvolver os conceitos sobre a questão da técnica ao longo dos anos 50, quando sua filosofia começa a ser consolidada, precisamos analisar seus escritos e conferências da época. Entretanto, o presente trabalho não pretende percorrer todo este trajeto, devido aos limites que lhe são devidos. Ainda assim, podemos pontuar que o retorno de Heidegger à Academia alemã, foi consolidada, passo a passo, após seu afastamento em decorrência de sua suposta associação ao Partido nazista. Em uma das oito conferências realizadas nesta década, Heidegger procura anunciar o lugar do ser, frente aos novos modos de tecnologia que regem este ser neste lugar. Heidegger (2002, p. 18,19) procura “*des-ocultar a essência da técnica moderna e reconhecê-la como vocação do ocidente*”.

Para compreendermos melhor o trajeto que nosso autor percorreu até desenvolver esses conceitos, precisamos percorrer seu caminho ao longo dos anos 50, quando suas conferências abriram a ocasião para que pudesse tratar de suas ideias. Em uma dessas conferências, sentado ao lado de uma lareira, na cidade de Bremen discursa:

Aqui, há 19 anos, realizei uma conferência, que hoje, aos poucos, começa a ser compreendida e a surtir efeitos. Naquela ocasião, ousei – e também hoje, quero ousar – pois indagar é a devoção do pensar. (HEIDEGGER, 2002, p. 20).

Neste discurso, Heidegger abriu o primeiro de outros encontros que aconteceriam em Baren-Baren, na Alemanha pós-guerra, marcada pelos tons afiados dos anos dourados, das novas revoluções tecnológicas, implicações sociais, vistas comunicacionais, telecomunicações de ponta, conflitos, planos econômicos modernos e guerras afins.

Muitos medos se instalaram frente ao novo que se apresentava ao vislumbre. Heidegger focou sua filosofia nesses medos. O panorama da Guerra Fria, que ao longo dos seus 40 anos, nosso autor percorreu, vislumbrou os conflitos entre EUA e ex-URSS. Esse marco teve caráter peculiar. O filósofo da Floresta Negra, neste *Zeitgeist*, preocupava-se com o desenvolver de um governo ou políticas totalitárias ameaçadoras de um mundo pós-guerra.

No contraste que se apresentava o novo mundo, havia uma espécie de aspecto sinistro do passado que poderia ser banido, mas, apesar do milagre econômico, e, da forma de reconstrução de um mundo novo, um certo incômodo global pairava. A própria literatura

mundial na época evocava a ideia de um mundo dominado pela tecnologia com um destino incerto, fechado num sistema totalitário, sem nenhuma política eficaz. Apenas técnica.

Um salto do neandertal ao super ser, revelava um molde instalado entre os modos-de-ser primitivo e a moderna tecnologia ocidental. Ainda assim, toda mudança ocorrida não ocasionou progressão intelectual e espiritual deste novo ser.

Alude a isto, os traços fundamentais da invisível técnica que se instala, não implica a experiência do ser humano pelo ser, mas, à experiência da gigantesca onda de técnica que precisa se instalar, enquanto sentido do ser.

Este quadro, mostra-nos um Heidegger não tão solitário em sua caminhada filosófica enquanto à questão da técnica. Ele acompanhara passos de outros pensadores e críticos de sua época, tais como Huxley e Weber, na discussão da obscuridade da origem desse processo que originou um novo mundo imergido em uma espécie de universo técnico.

Quando Heidegger apresenta a questão da técnica como modo instrumental do ser-no-mundo moderno, ele pretende clarear a questão anteriormente debatida em sua tese de filosofia nos anos 1930: “*O Tempo da Imagem do Mundo*”, no qual a questão já estava instalada, ainda que de modo sutil.

Técnica - diz Heidegger - é uma maneira de *expor* (*Entbergen*). O expor que domina a técnica moderna tem a característica de *dispor* (*Stellen*), no sentido de *provocação* (*Herausfordrüng*). Em torno do conceito central de provocação, Heidegger agrupa todas as maneiras do controle técnico. O contrário de provocação é *produção* (*Hervorkommenlassens*), i.é., deixar acontecer. Para fins explicativos, Heidegger cita o discurso de Michelangelo sobre sua arte: “*A escultura já existia na pedra. Restava libertá-la!*” (SAFRANSKI, 2000, P. 483)

Heidegger configura dois modos de comportamento diante da natureza: o provocar e o deixar acontecer. No exemplo de Michelangelo, alega que “*não deixamos a natureza acontecer, mas a provocamos e, a abordamos, de modo a que ela se anuncie nalguma forma comprovável por cálculo e permaneça à nossa disposição como um sistema de informações*” (A Técnica e a Virada, 1962, p. 22).

Técnica para Heidegger, é uma modificação *sui generis* do fazer ou agir humanos. Inerente ao movimento do agir humano, encontra-se a intenção, que gera a produção:

Preparar (*Bestellen*) o que é preparado para tornar-se fundo de reserva (*Bestand*). [...]. Uma ponte liga margem à outra a partir do ser arqueado. Respeitando o fluxo das águas. Ao contrário, uma hidrelétrica, controla ou desvia o fluxo dessas águas, que é alterado para a provisão de uma usina, e não o contrário. (A Técnica e a Virada, 1962, p. 22).

Assim, Heidegger conclui que a intervenção técnica transforma a natureza em uma provisão efetiva ou potencial. Para que a ação técnica não desabe, ou fracasse, ela precisa ser calculada, *i.é.*, planejada a provisão. Com isso, técnica gera mais técnica:

As sequências escalonais da técnica, só podem ser conhecidas por meio da técnica. Ou seja, a natureza foi provocada, e agora provoca a prosseguir, sob pena de dano. Numa espécie de *círculus viciosus* do esquecimento do ser. (ibidem, p. 19).

O dispositivo (*Gestell*), é o conceito criado por Heidegger para explicar a sequência cíclica: Provação – Provisão – Seguro da Provisão, *i.é.* – Tudo se relaciona com tudo à maneira de um sistema cibernético autorregulado com efeitos em cadeias reativas (SAFRANSKI, 2005, p. 465).

Em Heidegger, o dispositivo é algo feito pelo ser humano, mas ao cria-lo, perde-se a liberdade em relação a ela. O dispositivo, torna-se destino. Na tese *A Técnica e a Virada*, Heidegger (1962, p. 20) diz:

A ameaça do ser humano não vem em primeiro lugar das máquinas e aparelhos mostos da técnica. A verdadeira ameaça já atacou o ser humano em sua essência. O domínio do dispositivo, ameaça com a possibilidade que possa ser negado no ser humano ingressou em uma des-ocultação (*Entberger*) original, e assim, experimenta a presença de uma verdade original.

A verdade inicial do olhar sobre as coisas que as deixa ser, pode ser clarificada com exemplo de uma árvore florescida. Deixar florescer a árvore consoa com luz que se revela na clareira aberta do ser, para que o ente se torne mais ente:

Pode ser que a natureza esconda a sua essência exatamente naquele lado que ela apresenta para domínio técnico através do ser humano. (HEIDEGGER, 1981, p. 16).

Como olhamos para o mundo e para o existir através da ótica da técnica, tudo o que se direciona a este olhar subordina-se a ela. Essa tendência remonta à antiguidade em Aristóteles. As interpretações do ente e do ser, eram obrigações principais desses filósofos. Para eles, tudo o que tem manifestação material, ou seja, não abstrata ou virtual, é ente. O pensamento filosófico é inerente a este conceito relativo a ser. Existem algumas divergências, se sabe, mas é neste lugar de discussão que a filosofia se fundamenta.

2.2. O SER DO ENTE

Segundo Heidegger (2002), desde Platão e Aristóteles iniciou-se tendência sobre a interpretação do ser: noção, juízo e conceito do ente. Desde então, ser é tratado como

identidade, definição dos entes. Mas definição é construída através dos métodos de indução e dedução e da lógica. Portanto, juízo ou produção técnica. Nestes termos, a ciência quer significar um procedimento através de sua validação técnica.

O que Heidegger compreende como a essência da técnica moderna, sob a ótica desta reflexão, confunde-se com a essência mesma de nossa ocidentalidade, ou seja, um modo de pensar, um modo de ser que nos caracteriza é o agir técnico que dá ao homem, hoje, sua essência.

Mas isso não quer dizer que Heidegger encerrou sua tese sobre o pensar meditativo. Pelo contrário, ele acreditou que a mudança na mente do filósofo forma-se de uma suposição para uma mudança histórica. Cita Hölderlin: “*Onde existe perigo, cresce também a salvação*”.

Ao pensar sobre o dispositivo (Gestell), Heidegger dá um passo para além da técnica. Compreende que não existe uma solução factual (*machbare*) para o problema da técnica, principalmente às suas relações de plausibilidade, que para nosso autor, também é uma categoria do pensar calculista (Correspondência com Kästner, 1966). O que ele quer dizer, é que o ser, é sempre as possibilidades que descobrimos nos entes. Realidades a serem empenhadas de modo a compreender que o ser é passível do mundo e de nós mesmos, em nossos cuidados e responsabilidades.

Alude a esta discussão, Heidegger pontua que o sentido para a ocidentalização da técnica está no abandono decisivo do domínio sobre o ente e a entrega do ser em seu *Das-ein* (aí-ser). Ou seja, salto fora do círculo vicioso da interpelação produtora.

Finalmente, o novo caminho do ocidente é a abertura para o que lhe é assombroso e obscuro. Não podemos especificar esse assombro exatamente por ele ser obscuro. Mas, no campo da dimensão que se abre, é a clareira que traz à luz, a dimensão do ser.

3. NOVA ÉTICA

Abrir-se ao assombroso faz valer o lugar do vazio silencioso que o antecede e prepara ao mesmo tempo a abertura. Essa ação promove o adentrar no obscuro decodificado. A investigação da técnica é sempre determinante do nosso agir, pensar e conduzir. Ela interfere diretamente em nossas ações e decisões. Oferece-nos tudo delimitado, substituindo nossa deliberação de escolhas. Para Heidegger (1977; 1974), devemos ser “*cuidadores, pastores do ser.*”

Como a técnica sarrupia nossa liberdade do ser autêntico, retira de nós a dimensão de possibilidades das decisões e destinações históricas. No campo da ética. Heidegger situa o ser na dimensão ôntica, fundamentada na Ontologia prévia, pré-conceitual e evidenciada pelo modo-de-ser que o comportamento ético requer. Em outras palavras, poderíamos dizer que, a dimensão factual do ser limitada em seus aspectos regionais.

Heidegger não elaborou um tratado Ético ou Político. Ao compreendermos ética como um conjunto de normas e princípios com o intuito de orientar a conduta humana, ele tem pouco a oferecer. Mas, ao colocar em evidência uma instância pré-conceitual antes da Ética, abre-se o campo de possibilidades para uma Ética própria. Desta forma, podemos compreender que Heidegger oferece indicações ao que poderia se definir como uma “existência ética” – permitindo descrição de um modo-de-ser ético e das condições existenciais para as possíveis relações entre a ética e a existência.

O domínio da metafísica da existência é como domínio onde a questão ética se levanta pela primeira vez. Para Heidegger, ética diz respeito a um modo-de-ser, *o como* que acompanha o modo-de-ser do *Dasein*. Nesta relação, distingue-se o agir ético e o agir não-ético. É no ser ético do mundo existencial que se exhibe este *como*, indicando as condições ontológicas para os modos-de-ser ético, isto é, *Da-sein* autêntico – responsável e solícito para com os outros, assim como, fundamentado em seu próprio ser.

Mesmo sem a elaboração de um Tratado Ético, Heidegger contribuiu para a abertura de diversos debates no campo da Ética da Existência, alinhada ao modo como o *Da-sein* se relaciona com os outros entes, consigo mesmo e com o outro.

Nesta Nova Ética espera-se a re-descoberta do lugar do homem e suas relações com o mundo. Certo de que está por se fazer, é justo, significar o pensamento de Heidegger como tutor, que nos lega a liberdade de decisão quanto ao que se fazer com a existência.

4. POSSÍVEIS FORMAS DE REALIZAÇÃO DO SER À LUZ DE HEIDEGGER

Em sua obra “*Cartas Sobre o Humanismo*” - Heidegger (2005), procura reconduzir o homem de volta a sua essência, isso é: *tornar o homem humano*. Essa é uma declaração de princípio ético.

Portanto, à título de gestação, fixamos que o esquecimento do ser enquanto *Da-sein*, tão logo o ocidente lançou-se ao destino da experiência humana de acomodar e praticar os termos contraditórios do existir, planejando o enchendo de entes o abismo entre ser e nada. O outro semelhante, apresenta-se numa espécie de ontologia egóica, nefasta e sombria. Como pode nos abrigar-nos asas da realização?

Frente ao nefasto e inevitável ser de sua presentificação, o homem lançado em seu desamparo, resta-lhe dois caminhos: abrigar-se à sombra do esquecimento, ou, assumir a tarefa de tornar-se *Da-sein* – decidir-se pela aventura de suportar trazer o ser à vida.

Finalmente, inferimos Heidegger não como um mero saudosista de um tempo imemorial, pois ele não defende um mundo sem técnica, nem tampouco a demoniza. Heidegger, se situa na questão da técnica como um pensador que reflete tal questão como destino inevitável, porém, não determinante. Certo que, a realização é possível pela via da indeterminação

ontológica do *Da-sein*, que possibilita a abertura para novos campos de possibilidades promotoras singularizantes na relação entre o *ai-ser* e o mundo, ele se instala nesta relação compartilhada, o sentido se clareia, e se cria modos existenciais de protagonistas frente às possibilidades de ser-em-si, no outro e no mundo, contribuindo para uma possível realização nesta circularidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Rev. Abordagem Gestalt.*, Goiânia, v. 23, n.1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=i>. Acesso em 15 jun. 2020.

CRITELLE, Dulce Mara. Martin Heidegger e a Essência da Técnica. São Paulo: *Margem*, n. 16, p. 83-89, dez. 2002. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/margem/pdf/m16dc.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

DUARTE, Andre. “Historia y política en la filosofía de Heidegger entre 1927-1936” In: Veiga, Itamar; Schio, Sonia. (Org.) *Heidegger e sua época: 1920-1930*. Porto Alegre: Clarinete, 2012b.

FRANCO DE SÁ, Alexandre. Para além do Liberalismo: O Pensamento Político de Martin Heidegger. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Paraná: Toledo, v. 1, n. 1 (2017). Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/16519/11187>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

HEIDEGGER, M. *A coisa*. Salvador; 2002.

_____, M. Carta a um jovem estudante (Posfácio de A Coisa) In. *Ensaios e Conferências*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____, M. *Escritos políticos 1933-1966*. Trad. José Pedro Cabrera. Lisboa: Instituto Piaget.

_____, M. *Die Technik und die Kehre*, 9ª. ed., “A Técnica e a Virada”. Stuttgart: Neske, 1962.

_____, M. A questão da técnica. In. *Ensaios e Conferências*. Trad. Emanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2008ª.

_____, M. A questão da técnica. Trad. Marco Aurélio Werle. In. *Scientiae Studio*. São Paulo. v. 5. n. 3. p. 375-98, 2007a.

_____, M. Le Mot de Nietzsche “Dieu est Mort”. In: _____. *Chemins Qui ne Mènent Nulle Part*. Paris: Gallimard, 1962. P. 173-219.

_____, A Constituição Ontológica da Metafísica. Trad. Ernildo Stein – São Paulo: Abril Cultural. 1983. [Coleção Os Pensadores].

_____, *Introdução à Metafísica* – Trad. Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

_____, M. (1974/2012). *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. (M. A. Casanova, Trad.) Rio de Janeiro: Editora Vozes.

_____, M. *Ser e tempo* (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002. [Sein und Zeit, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.]

_____, M., & Boss, M. (Org.) (2009). *Seminários de Zollikon*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, Referências Psicologia USPI. Disponível em: < www.scielo.br/puspSP: Universitária São Francisco >. Acesso em: 05 de fev. 2020.

_____, M. Sobre a Essência do Fundamento (1929) in *Conferências e escritos filosóficos*, tradução de Ernildo Stein, São Paulo: Nova Cultural, 2005.

_____, M. *Cartas Sobre o Humanismo*. 2ª ed. Trad. Rubens Eduardo Frias, São Paulo: Centauro, 2005.

_____, M. Sobre o humanismo (1947), tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. [Carta sobre o humanismo, tradução de Rubens Eduardo Frias, São Paulo: Editora Moraes, 1991.]

_____, M. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____, M. *Caminhos de Floresta*. Trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço Bernhard Sylla, Vítor Moura - João Constâncio. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1997. Disponível em:

<http://www.unirio.br/cch/filosofia/Members/ecio.pisetta/Filo.2015.2-Caminhos-de-Floresta%20-1-%20-1.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: um Mestre da Alemanha entre o Bem e o Mal*. Trad. Lya Luft. São Paulo. Geração Editorial, 2005.

STEIN, George. *As Ideias de Heidegger*. Cultrix, 1978.